

# AFETO(A)ÇÕES DE UM CORPO NA FENDA: A ESTÉTICA DO (DES)CAMINHO COMO POSSIBILIDADE PARA O DESLOCAMENTO SENSÍVEL DO PESQUISAR EM EDUCAÇÃO

**MARIA RITA BARBOSA PIANCÓ PAVÃO**

Mestranda em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, rita.pianco@ufpe.br;

**MÁRIO DE FARIA CARVALHO**

Doutor em Sciences Sociales, Université René Descartes, Paris V. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, mariofariacarvalho@gmail.com;

## 1. INTRODUÇÃO

Acolho esta proposta pela natureza poética e epistêmica que configura a *experiência*. Não posso estar alheia ao desejo, ao chamamento que me faz querer ressaltar sobre questões relacionadas ao fazer-pesquisa neste formato, profundamente narrativo de mim e dos acontecimentos que me atravessam. Reluto para assumir que ainda tentei esboçar algo em uma outra modalidade de escrita, talvez pela ardidiosidade em querer aprofundar a subversão provocada pelas metáforas, mas muito provavelmente pela arrogância científica à qual tento, ainda hoje, me desvencilhar.

Não poderia haver estilo melhor do que o *relato* para contar das experimentações às quais estou entregue ao longo da experiência da pesquisa na Educação. Pesquisar como gesto, fazer criativo, ritual catártico e de (in)corporação. Eu, que nunca me soube artista, tenho feito da minha escrita relato da expansão conceitual e vivencial da *arte*<sup>1</sup>, provocada pela inquietude em falar com as outras sem que as sensibilidades estejam presentes. As escolhas teóricas, metodológicas e estéticas retornam sempre a tal desejo ético, fragmentado em múltiplas experiências que se confundem e que se entranham.

Nomeei a experiência narrada neste relato de *inter-invenção*. É a apresentação visual de alguns pequenos-grandes acontecimentos que têm me afetado durante as dinâmicas de (des)encontro motivadas pela pesquisa. Parida no lugar no qual me situo, procuro conceder outros sentidos às saídas forçadas em tempos de pandemia, à escrita que não consegue seguir depois do luto – nem contê-lo –, aos fios que (in)conscientemente laço nas experiências de mulheres que estão para além de mim, em espaço-tempos outros.

A proposta recupera elementos teórico-metodológicos pensados por autoras<sup>2</sup> que me são, igualmente, encontros durante o processo de escrita. A figura do *flâneur*, utilizada por Walter Benjamin (2009), como representação metafórica do andarilho, e relida por Rita Irwin e Alexandra

1 Em meus últimos escritos, incluindo o texto da dissertação em processo, tenho tentado me aproximar das experiências de mulheres *arpilleristas* chilenas durante a ditadura militar de maneira atenta às afeto(a)ções do encontro. A arte tem me valido não como objeto, mas como experiência – inclusive de mim mesma – capaz de acessar as memórias e as subjetividades.

2 O estilo de escrita que utilizo procura flexionar as palavras de forma que prevaleça o feminino. Nesses momentos, sugiro que seja feita a articulação com a palavra oculta *pessoa*.

Cutcher (2018), no método do *flaneurial walking*, assume a centralidade, cujo sentido se concebe na articulação com as reflexões sobre criação e forma, em Fayga Ostrower (2014); estetização da existência e sensibilidades em Michel Maffesoli (1996); imagem e imaginário em Gilbert Durand (2014); e sobre memória e experiência no próprio Benjamin (2019).

## 2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Não sei falar sobre a minha experiência como pesquisadora sem mencionar o *choque* de me sentir cindida. Como expressão da subjetividade que, oportuna ou tardiamente, se manifestou, o sentimento de pesquisadora não se deu no encontro com a pesquisa-possibilidade. Já há algum tempo cultuava a palavra escrita, mas foi da antropofagia de engolir a palavra para vê-la no mundo e de engolir o mundo para regurgita-lo na palavra escrita que adveio o efeito subjetividade.

A experiência de que falo coincide com o ingresso no Mestrado em Educação Contemporânea, para mim a concretude do efeito subjetividade de pesquisadora, ao mesmo tempo em que se deu durante a prolongada emergência da pandemia de Covid-19. Eis o *choque*, a tomada de consciência do eu-pesquisadora durante a angústia, inicialmente pelo que a pandemia não revelava, posteriormente pela presença impiedosa e constante das mortes e do luto.

Para quem precisa sair todos os dias, a promessa de proteção possível no isolamento não existe. Convivi e tenho convivido com o terror da exposição; as andanças soam como um quase-movimento, um estágio intermediário entre o desejo e o não desejo do movimento. Como haveria de ser, tais sensações reverberaram no meu processo de escrita como a sensação de fim que leva ao não-começo. Nunca foi tão difícil tomar nota do que faria sentido no relato do encontro com as *arpilleristas*. Pensava a pesquisa e as colocava nesse outro lugar, de angústia pelo e do não-começo.

O movimento que, no fundo, desejava fazer era, justamente, o oposto, de andança por entre as memórias que me levaram ao encontro com essas mulheres. Como estar em movimento quando o gesto da andança foi agourado? Conceder novo sentido foi um exercício intermediado pela articulação de componentes teórico-metodológicos afetos às sensibilidades. Através deles, pude pensar na possibilidade de intervir no espaço físico, onde se dava o não-começo, para provocar o movimento

em espiral que, somado ao vai-e-vem do quase-movimento, dava forma aos caminhos mentais anamnéticos.

**Figura 1 - Inter-invenção i**



**Fonte: a autora, 2021**

Em *inter-invenção i*, procurei interferir no espaço percorrido por mim todos os dias, nas idas e vindas entre o trabalho e a casa. Para relatar brevemente a experiência, resgato algumas memórias registradas no caderno que me acompanha durante a pesquisa. No dia anterior ao da intervenção, dia 30 de junho deste ano, me preocupei em tirar fotos de detalhes captados pelo olhar atento que, pela primeira vez, me preocupava em ter pelo caminho. Selecionei três fotos, ocasionalmente interligadas: de uma pequena fissura no chão, que tornava o piso disforme; de uma abertura -brecha no troco de uma árvore; e do céu azul, parcialmente oculto pelos galhos enormes de uma outra árvore, disposta em ascensão. Utilizei a primeira para compor a *inter-invenção* acima.

Lembro que, depois de muito tempo olhando para o papel vegetal posto sobre a fotografia e ouvindo músicas no modo aleatório, identifiquei a *fenda* no centro. Nos meus textos, a *fenda* tem aparecido como

forma-episteme sugerida por mim para nomear a estética do encontro, cujas dobras apontam para as aproximações das mulheres *arpilleristas* com as minhas memórias e experiências. Todos os demais elementos da imagem partiram dessa forma-episteme primeira, recuperada em cada um deles.

Percebi que os meus pés estavam posicionados sobre a fissura no chão de maneira semelhante aos de uma pessoa que se encontra na beira de um abismo e que olha para baixo. O meu abismo é o mar de sangue preenchido pelas vidas das – na época, pois hoje os números são assustadoramente maiores – mais de quinhentas mil pessoas mortas em decorrência do descaso governamental com a pandemia da Covid-19 no Brasil. Na fenda, o luto da *arpillerista* se confunde com o meu; mulher de preto que dança, cuja face é a sua lágrima – de sangue dos que se foram – e cuja mão se confunde com a mancha branca que, simbolicamente, se tornou tecido. Em *inter-invenção i*, resgato as dançarinas de *La Cueca Sola* como possibilidade de luto, dança apropriada e ressignificada pelas *arpilleristas*, ao mesmo tempo, enquanto denúncia e súplica pela nomeação dos mortos.

Enquanto um dos meus pés está costurado à fenda, o outro quer sair voando, fugir do mar de sangue que está abaixo. Curiosamente, o desejo tomou a forma da ave de rapina, pássaro que desce ao chão para devorar as carcaças. A transposição mística da pequena brecha, a imersão na pequenez que contém a experiência cósmica do encontro convive, na imagem, com a simbologia do monstro devorador. A morte não atinge a ave de rapina, pois ela já o pássaro mortuário por excelência, a própria morte em vida.

## RESULTADOS

Pensada enquanto proposta pessoal de retomada, a *inter-invenção* disputa o movimento pelas vias da experimentação artística que impulsiona a criação. Arelada ao ato de pesquisar, procura aprofundar os encontros e (in)corporea as sensibilidades que deslocam a escrita do lugar intocável tradicionalmente atribuído aos saberes absolutos.

Continuo a passar todos os dias pelo mesmo local. Na maioria deles, sigo o caminho com a vista ativa. São poucos os dias em que baixo o olhar e percebo, de soslaio, as rachaduras do piso. Elas continuam lá, indiferentes às passadas rápidas do meu quase-movimento. Porém, são esses poucos momentos que sugerem algo: a imagem capturada antes da

intervenção não mais existe; nas poucas vezes em que identifico o local, ele se preenche pelas cores e formas que me põem em movimento pleno – e breve -, pois recuperam a dimensão anamnésica constituída durante a experimentação.

É desse breve momento, fulgaz, de movimento provocado que retiro as minhas considerações: a experimentação artística cria uma terceira zona spatiotemporal, a dos *entrelugares*, do corpo presente e em constante fuga. Ao assumir essa possibilidade nas pesquisas em Educação, sou provocada a pensar sobre as potencialidades de um fazer pedagógico criativo, promovente de experiências (trans)formadoras, atuante na profundidade das aparências. A abstração das memórias contemplada na concretude da forma possibilita, de plurais e localizadas maneiras, tomar consciência dos processos e agir sobre eles, criar.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.